

A educação dos jesuítas

"E há benefícios, também divinos, em que parece que as graças mais se devem aos homens, que a Deus." Pe. Antonio Vieira S.J.

Elmer C. Corrêa Barbosa *

No Ano Internacional da Alfabetização, pouco se falou da comemoração dos 450 anos de fundação da Companhia de Jesus. Estamos às vésperas dos 500 anos da viagem de Colombo, do Tratado de Tordesilhas, das expedições bem-sucedidas de Vasco da Gama e de Cabral e, no entanto, pouco se especula sobre a importância e o significado do trabalho dos jesuítas no Brasil. Uma obra que viabilizou o projeto de aculturar os nativos e preservar os valores da civilização daqueles que chegaram para ocupar o "Novo Mundo".

O que surpreende é que há uma campanha institucional em que, a cada intervalo da programação normal das televisões, uma chamada nos lembra a importância da alfabetização, apresentando as experiências individuais tidas como exemplares. Uma campanha milionária e vazia, pois educar é uma praxis; não adianta falar ou aconselhar sobre a necessidade de aprender. O importante é a ação de ensinar e um motivo para aprender. Saber ler, escrever e contar é uma necessidade gerada no contexto de uma cultura; uma exigência identificada pelo indivíduo em busca de sua realização, sem o que não se integrará ao grupo. Não basta propagar as vantagens de alfabetizar-se, ou sair construindo escolas. O saber deve estar associado às atividades vitais da sociedade; as realizações exemplares. A vontade de ser capaz de fazer é que impulsiona o indivíduo a aprender.

Valeria a pena, neste vácuo de idéias que atravessamos, uma reavaliação dos diversos programas de ensino tratados neste país, que completa 490 anos e que não conseguiu fazer vingar o seu projeto civilizador. No momento em que se fizer esta análise, por certo se destacará o rigoroso trabalho de educadores que foram os jesuítas no Brasil; a utopia de civilizar os sertões. O esforço isolado de converter para o cristianismo católico com arquitetura, pintura, música, trabalho e reflexão. Desafio que a abnegação, o método, o determinismo e a racionalidade dos jesuítas levaram a termo em dois séculos de "trabalho penoso e constante" como observou o arquiteto Lúcio Costa em 1941.

Neste 18 de outubro quando se comemora os 473 anos de nascimento do Pe. Manuel da Nóbrega S.J., o pregador gago que trouxe consigo para o Brasil meia dúzia de outros jesuítas e juntos deram início a um sonho que ainda estamos longe de dimensionar a importância, é legítimo chamar a atenção sobre esta ordem religiosa às vésperas do quinto centenário de nascimento do seu fundador Santo Inácio de Loiola.

Depois do Pe. Manuel da Nóbrega e de José da Anchieta desembarcarem no Brasil, centenas de anônimos irmãos e padres — maestros, cantores, oleiros, mestre-de-obra, ceramistas, sapateiros, alfaiates, barbeiros — chegaram, todos determinados a se fixarem com a Companhia de Jesus no recém-descoberto continente, para cristianizar os nativos. Não chegaram para uma aventura, ou para passar algum tempo; não era coisa provisória. A primeira preocupação foi construir em "pedra e cal", com cobertura de telhas de cerâmica, a igreja, o convento e a escola, edifícios

sólidos em substituição às precárias construções de "pouca dura", provisórias como quase tudo que havia na colônia.

A leitura dos livros do Pe. Serafim Leite S. J. é suficiente para nos indicar que um programa muito mais amplo estava por detrás do trabalho de catequese dos índios desenvolvido pelos jesuítas no Brasil. Pe. Manuel da Nóbrega S. J. e José de Anchieta S. J. não chegaram apenas para celebrar missas e seguir um programa traçado pelas autoridades portuguesas; vieram determinados a dar *status* aos índios, dai o conflito no século XVIII. Não desembarcaram no Brasil apenas pregadores como, Pe. Antonio Vieira S. J., e educadores, como Anchieta, mas carpinteiros, canteiros, serralheiros, entalhadores, construtores navais, pintores e músicos, muitos músicos... a liturgia tridentina exigia.

Ainda não estava pronta a Sé Episcopal da Bahia, e lá estava um "tangeador de órgãos"; em 1552 Pe. João Lopes S. J. desembarcou em Salvador com o bispo e, antes dele, Francisco de Vacas, "grande músico e cantor" já se apresentara acompanhando atos litúrgicos. Se a música, a arquitetura e a pintura "encontraram terreno propício" isto se deve a um exército de padres e irmãos inacianos. O estilo barroco, de que tanto nos orgulhamos, veio na bagagem daqueles que foram os ideólogos da Contra-Reforma. O programa de ação dos jesuítas era estender por todo o sertão os valores da civilização européia, com toda a sua pompa, brilho, musicalidade e teatralidade. As ruínas das Sete Missões testemunham o trabalho que os jesuítas foram capazes de realizar. Uma utopia destruída por um tratado de fronteiras (1750) de redação ambígua e pela sordida política do rei da Espanha, que esperava ganhos territoriais no confronto entre os portugueses e os povos das missões. Uma trágica experiência para os guaranis e para os homens do Marquês de Lavradio, com o sacrifício de milhares de vidas inocentes numa guerra forjada, num conflito absurdo e desnecessário como demonstrou Marcos Carneiro de Mendonça em suas últimas pesquisas publicadas.

Dedicados à educação, os jesuítas criaram os primeiros colégios e foram os primeiros a alfabetizar no Brasil; fizeram um trabalho que poderia subsidiar nossos políticos, pois para os educadores da Companhia de Jesus educar era integrar o indivíduo através de um "ofício", era ensinar a ver, a ouvir e a cantar; organizar o grupo, harmonizá-lo num conjunto de vozes cantando em coro. No "programa" dos jesuítas, a oportunidade de um "ofício" qualificado, a música e, particularmente, a arquitetura ofereciam o sentido da perenidade, da continuidade e da ação consequente. Era ainda ensinar a pensar e articular críticas, como sabia fazer o Pe. Antonio Vieira; também ler, e escrever e contar... mas não só isto. O exemplo de José de Anchieta é revelador: antes de ensinar, aprender com aqueles para os quais oferecemos conhecimentos, se esses forem necessários.

Há muito que aprender com os membros desta Companhia que sempre esteve ligada à educação e à formação cultural do Brasil. No mínimo, aprendemos uma virtude: a prudência.